



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES ACERCA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Eliane Freitas Artigas SARAIVA (UEMS - Campo Grande)¹

Patrícia Alves CARVALHO (UEMS - Campo Grande)²

RESUMO: Este artigo apresenta algumas reflexões teóricas que permeiam o tema alfabetização e letramento, como também expõe implicações acerca da prática pedagógica do professor alfabetizador fazendo relação com o período de alfabetização no final da década de 80 e início dos anos de 1990. O objetivo consiste em abordar algumas considerações acerca da alfabetização e do letramento, bem como analisar a prática pedagógica do professor a partir de experiências vividas. Como procedimento metodológico incluem os levantamentos bibliográficos que dão respaldo às reflexões para posterior análise do meu processo de alfabetização, resgatados por memória, sendo assim sujeito da pesquisa. Tem como principais suportes teóricos FRADE (2007), FERREIRO (2000), MORTATTI (2010), SOARES (2003), SOLÉ (1998), SOLIGO (2005), entre outros, a fim de elucidar ao professor alfabetizador os pressupostos e implicações que embasam sua prática no processo de ensino e aprendizagem, saber quem são os alunos, quais são suas capacidades e como valorizam e compreendem a leitura e a escrita, bem como conhecer os conteúdos e conhecimentos que devem ser enfatizados em cada ano escolar. Dessa forma, alfabetização e letramento são processos indissociáveis que envolvem as ciências de: escutar, falar, ler e escrever. E o sucesso depende da organização do trabalho didático; do conhecimento do professor, onde a formação é fator primordial; das condições materiais das instituições envolvidas, o que a escola oferece e o apoio da coordenação se faz presente, como também o envolvimento de todo o grupo escolar; e, da motivação dos alunos e de seus familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização 1. Letramento 2. Prática Pedagógica 3.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da UEMS (turma 2018-2019). Participante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Narrativas Formativas – GEPENAF. Especialista em Educação Inclusiva (UNIVERSO-2012). Graduada em Pedagogia - Licenciatura – habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Campus de Aquidauana (UFMS-2006). E-mail: eliane_f.a@hotmail.com

² Professora nos cursos de Pedagogia e Geografia e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual da Mato Grosso do Sul. Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. E-mail: profpatriciauems@gmail.com

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES ACERCA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Introdução

A escola e conseqüentemente o professor marca a vida da criança, positiva ou negativamente, principalmente no período inicial do processo de alfabetização e o espaço da sala de aula precisa ser um ambiente que promova atividades de leitura e escrita significativas e úteis e nenhuma criança deve ser excluída, sendo de fundamental importância não apenas o professor ler e escrever para a criança, e sim, ler e escrever com a criança. Organizar a sala de aula como um grande laboratório de suportes de textos proporciona ao estudante momentos significativos dentro de um contexto.

Toda prática pedagógica é regida por uma sustentação didática e o professor é o profissional na técnica de envolver as crianças. O tempo é essencial na organização das atividades e isso envolve planejamento e o espaço deve ser organizado em função dessa atividade planejada, selecionando os materiais adequados para o que se foi proposto, articulando-os com os objetivos de ensino e de aprendizagem.

A proposta desse artigo não é elencar conceitos de alfabetização e letramento, mas sim de propor reflexões que perpassam pela alfabetização e pelo letramento.

Tecendo considerações a respeito da alfabetização e letramento

Aprender a ler e a escrever começa antes mesmo do ensino formal, uma vez que as crianças estão inseridas no mundo letrado tendo assim contato com as variedades textuais existentes, citando como exemplo as fachadas do comércio, os panfletos de lojas e mercados, rótulos de produtos, embalagens, placas, nas próprias roupas, calçados, jornais, revistas, livros, boletos, contas de água, energia, telefone, dentre outros.

Diante do exposto acima será que a escola está cumprindo sua missão de ensinar a ler e a escrever? Muitas são as discussões no campo educacional acerca da alfabetização e também do letramento. Mas afinal alfabetizar está ligado ao processo do letramento ou são procedimentos distintos? De acordo com Magda Soares, a alfabetização diz respeito ao processo de apropriação do sistema de escrita

alfabético e o letramento corresponde ao uso dessa apropriação nas práticas sociais, sendo dessa forma processos articulados.

A década de 80 foi a mais promissora no aspecto de discussões sobre a alfabetização. Merece atenção especial Emília Ferreiro e Ana Teberosky que defendem uma alfabetização contextualizada e significativa através das práticas sociais da leitura e da escrita para a sala de aula. Para Teberosky (1994) a formação de um vocabulário de palavras a partir das práticas sociais seria o principal referencial da criança para a descoberta do sistema alfabético. Essas autoras não falam em letramento, e sim em alfabetizar com textos.

É válido ressaltar que os professores são referências para seus alunos e a preparação desses estudantes para a leitura é muito importante, regatando e considerando o conhecimento prévio existente, explorando diferentes suportes textuais com significados, propiciando um caminho que leve ao conhecimento por meio da investigação e levantamento de hipóteses. Conhecer a natureza do texto favorece e facilita sua interpretação.

De acordo com Lerner,

Para que haja uma transformação verdadeira do ensino da leitura e da escrita, a escola precisa favorecer a aprendizagem significativa, abandonando as atividades mecânicas e sem sentido que levam o aluno a compreender a escrita como uma atividade pura e unicamente escolar. Para isso, a escola necessita propiciar a formação de pessoas capazes de apreciar a literatura e de mergulhar em seu mundo de significados, formando escritores e não meros copistas, formando produtores de escrita conscientes de sua função e poder social. Precisa também, preparar as crianças para a interpretação e produção dos diversos tipos de texto existentes na sociedade, conseguindo que a escrita deixe de ser apenas um objeto de avaliação e passe a ser um objeto de ensino, capaz não apenas de reproduzir pensamentos alheios, mas de refletir sobre o seu próprio pensamento, enfim, promovendo a descoberta da escrita como instrumento de criação e não apenas de reprodução. Para realmente transformar o ensino da leitura e da escrita na escola, é preciso, ainda, acabar com a discriminação que produz fracasso e abandono na escola, assegurando a todos o direito de se apropriar da leitura e da escrita como ferramentas essenciais de progresso cognoscitivo e de crescimento pessoal. (LERNER, 2002. p. 3)

Pesquisas no campo educacional apontam que o Brasil é um país reincidente no fracasso em alfabetização, desde a década de 80 até a atualidade não houve significativas mudanças diante desse quadro. Será que o que falta é o acompanhamento aos professores alfabetizadores nas instituições escolares? As políticas para a educação vêm de encontro com as reais necessidades dos estudantes, bem como professores e instituições de ensino? Os recursos utilizados na prática pedagógica do professor alfabetizador leva em consideração o processo de ensino e aprendizagem?

Magda Soares (1984), aponta algumas causas do fracasso escolar em alfabetização: ora no aluno; ora no contexto social do aluno; ora no professor; ora no método; ora no material didático; e finalmente, no próprio meio, o código escrito. A autora deixa claro que a alfabetização é um processo complexo,

(...) de uma multiplicidade de perspectivas, resultante da colaboração de diferentes áreas de conhecimento, e de uma pluralidade de enfoques, exigida pela natureza do fenômeno, que envolve atores (professores e alunos) e seus contextos culturais, métodos, material e meios. Entretanto, essa multiplicidade de perspectivas e essa pluralidade de enfoques não trarão colaboração realmente efetiva enquanto não se articularem em uma teoria coerente de alfabetização, que concilie resultados apenas aparentemente incompatíveis, que articule análises provenientes de diferentes áreas de conhecimento, que integre estruturadamente estudos sobre cada um dos componentes do processo. Um primeiro passo nesse sentido seria uma revisão dessas perspectivas, análises e estudos, de modo que se pudesse ter uma visão do “estado da arte” na área da alfabetização. (SOARES, 1984. p. 2)

Diante dessa reflexão, a alfabetização também é vista como “um processo de compreensão/expressão de significados” e não apenas como a “habilidade de codificar a língua oral em escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em oral (ler)” (SOARES, 1984. p.3).

Ler e escrever é muito mais que o domínio do código e é fundamental ao professor alfabetizador entender o que está por trás dos métodos, alguns autores tratam de métodos e outros de abordagens e processos de ensino e aprendizagem.

Segundo Magda Soares (1984) a alfabetização na perspectiva sociolinguística é pouco trabalhada no Brasil, uma vez que volta-se para a função social da língua, considerando o contexto em que ocorre. É válido citar nesse momento o poema de

Kate M. Chong “O que é letramento” extraído do livro Letramento: um tema em três gêneros, publicado por Magda Soares, que por sua vez foi orientadora de Kate.

O QUE É LETRAMENTO?

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da tv
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegrama de parabéns e cartas
de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.

Letramento é sobretudo,
um mapa do coração do homem,
uma mapa de quem você é,
e de tudo o que você pode ser.
(SOARES, 2009. p.41)

E, de acordo com Magda Soares (2003) a alfabetização é uma via de mão dupla, de um lado o aprendizado se dá por meio de uma técnica que envolve a relação sons e letras, codificação e decodificação, as convenções da escrita no ato de segurar o lápis, na escrita da esquerda para a direita, que se escreve de cima para baixo, etc; do outro lado o aprendizado acontece quando a crianças fazem uso dessas técnicas nas práticas sociais nas mais variadas situações do cotidiano. Dessa maneira,

Essas duas aprendizagens – aprender a técnica, o código (decodificar, usar o papel, usar o lápis etc.) e aprender também a usar isso nas práticas sociais, as mais variadas, que exigem o uso de tal técnica – constituem dois processos, e um não está antes do outro. São processos simultâneos e interdependentes (...). São, na verdade, processos indissociáveis, mas diferentes, em termos de processos cognitivos e de produtos, como também são diferentes os processos da alfabetização e do letramento. (SOARES, 2003. p.1)

Pesquisas demonstram que com o passar do tempo a alfabetização foi perdendo sua especificidade, talvez por um certo equívoco não se falavam mais em métodos para alfabetizar, como se isso fosse um erro, e o processo de ensinar a ler e a escrever foi ficando desprestigiado. Se antes existiam métodos sem teorias, hoje existem teorias sem métodos, quem sabe gerados por má interpretação, já que é preciso “um método fundamentado numa teoria e uma teoria que produza um método” (SOARES, 2003. p. 3).

A escola é fator preponderante nesse contexto, pois pode contribuir para o “conhecimento e o prazer de aprender, como ao contrário, pode cristalizar a ignorância, obscurecer” (SOLIGO, 2003. p.1)

Nesse contexto a prática do professor precisa ser orientada no sentido de propor atividades para as crianças que contemplem os níveis de escrita, oferecer uma diversidade de suportes textuais para formar o leitor e o escritor, apresentar desafios que sejam possíveis de resolução, e propor intervenções pedagógicas que os façam refletir, assim o ato de planejar é fundamental.

Analisando a prática pedagógica do professor alfabetizador: resgatando memórias

Sabemos que a discussão acerca da prática pedagógica do professor não é novidade no campo educacional e o estudo de métodos de alfabetização é uma constante. Frade (2007) faz uma reflexão abordando os métodos de ensino. De acordo com a autora o método sintético que vai da parte para o todo compreende:

o método alfabético que toma como unidade a letra; o método fônico que toma como unidade o fonema e o método silábico que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba. (FRADE, 2007. p.22)

Ainda de acordo com a autora o método alfabético ou de soletração acontece pela memorização que se dá por meio da:

decoração oral das letras do alfabeto, seu reconhecimento posterior em pequenas sequências e numa sequência de todo o alfabeto e, finalmente, de letras isoladas. Em seguida a decoração de todos os casos possíveis de combinações silábicas, que eram memorizadas sem que se estabelecesse a relação entre o que era reconhecido graficamente e o que as letras representavam, ou seja, a fala. (FRADE, 2007. p. 22 e 23)

O outro grupo de métodos citados pela autora é o analítico, porém não farei um estudo aprofundado sobre o tema, uma vez que os citados anteriormente estão relacionados com a minha experiência na época em que fui alfabetizada e serão narrados a seguir.

Tenho boa lembrança do tempo em que fui alfabetizada. Entrei na pré escola aos quatro anos de idade, no ano de 1988, na Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade, localizada na área urbana, município de Anastácio, MS, próximo à minha residência. No ano seguinte cursei novamente o pré e lembro com muito carinho da professora Rosemare que fez parte desse período inicial de escolarização, as músicas e brincadeiras de roda eram constantes.

Iniciei a 1ª série no ano de 1990, com a querida professora Laura, que com seu jeito calmo e paciente ensinava as letras do alfabeto, depois sílabas, palavras e por fim frases; mesmo com sua serenidade estabelecia uma certa rigidez, suas aulas eram sempre silenciosas, sem tumulto nem barulho, tomava as lições ora no quadro, ora no caderno ou no livro. Lembro que com frequência realizava ditados e as avaliações seguiam essa mesma estrutura: letras, sílabas, palavras e frases. A 2ª série cursei novamente com a professora Laura, penso que foi um privilégio, uma vez que era muito atenciosa com os alunos. Quero ressaltar que tenho contato com a professora Laura até os dias atuais.

Com relação a minha experiência prévia com a escrita, lembro que meu pai comprava jornal diário, então, esperava ansiosa que ele terminasse a leitura, pois só depois podia pegar e folhear aquelas páginas com tantas letras e também imagens.

Penso que no tempo em que fui alfabetizada os objetivos escolares eram ler, escrever e contar, onde os exercícios se davam pela repetição, sem contexto e sem função social. (Narrativa pessoal, 2017)

É válido observar que o detalhamento do método sintético citado anteriormente se deu propositalmente a fim de fazer uma análise ao período em que fui alfabetizada, onde o professor era a figura central visto como transmissor do conhecimento

traduzindo uma presença de autoritarismo. Porém, a professora mencionada tinha um diferencial: a afetividade se fazia presente e as relações se davam pelo olhar.

Merece especial atenção ao ano que se deu essa alfabetização – final dos anos oitenta e início da década de noventa – período de grande movimentação do campo educacional com o construtivismo – porém as cartilhas tinham o seu momento e os pressupostos que as embasavam eram as repetições sem contexto, silabação, caligrafia, presentes no método sintético, sempre partindo do mais fácil para o mais difícil, tudo era dosado e o texto sem significado.

Mortatti (2010), faz um recorte histórico acerca das políticas para a educação. De 1890 a 1920 houve a disputa entre os defensores do novo método analítico e dos antigos métodos sintéticos; 1920 a 1970 o debate aconteceu entre os defensores dos antigos métodos de alfabetização com os dos novos testes ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e da escrita; 1980 a 1994 é marcado pela discussão entre os defensores da nova perspectiva construtivista e dos antigos testes de maturidade e também dos antigos métodos de alfabetização. A década de 80 é marcada por questionamentos sobre o processo inicial de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, tendo destaque os três modelos teóricos: construtivismo, internacionalismo linguístico e letramento.

Emília Ferreiro teve grande contribuição no campo educacional focalizando em suas pesquisas a criança que não aprende. A criança é vista como um sujeito ativo e inteligente, que pensa e tem um conceito da palavra – o que chamamos de conhecimento prévio, que formula hipóteses e que procura sentido. Nesse sentido a aprendizagem da alfabetização não se dá de fora para dentro. A autora remete que antes a preocupação estava na questão do analfabetismo, presente no discurso do governo onde o analfabetismo se concentra na pobreza das grandes cidades, nas zonas rurais e na população indígena, ou seja, a penúria é vista como sinônimo de analfabetismo, que por sua vez a falta desse conhecimento dos pais está relacionado com o fracasso escolar de seus filhos.

São muitas as armadilhas no discurso oficial ‘luta contra o analfabetismo’, ‘batalhas contra o analfabetismo’, ‘erradicar o analfabetismo’, que vem para reforçar o sentimento de inferioridade, de exclusão e marginalidade, gerando um reflexo de culpa, como se fossem responsáveis por essa carência. Cabe ressaltar que o conhecimento que o sujeito adquire está relacionado com o meio ao qual está inserido,

onde ele cresce e estabelece relações, por exemplo, a cultura do campo exige conhecimentos diferentes da cultura da cidade.

Podemos então continuar pensando em uma alfabetização rudimentar para alguns e uma alfabetização sofisticada para outros? De acordo com Emília Ferreiro é preciso criar uma consciência política de que só será possível alcançar os objetivos educacionais quando modificar a própria concepção de alfabetização; e ainda, a escola pública está sendo deteriorada, tornando cada vez mais empobrecida e desatualizada, enquanto as escolas particulares multiplicam-se, não sendo muitas vezes sinônimo de qualidade.

Outro aspecto considerável é a contribuição de Emília Ferreiro com relação ao ambiente alfabetizador, quando a autora explicita a rede de atos de leitura e de escrita fazendo menção à classe média e à classe baixa, onde a primeira tem contato com diferentes suportes textuais, enquanto a segunda é desprovida desse contato devido suas condições familiares. Podemos então questionar: qual o posicionamento da escola frente a essa situação? A realidade está posta e cabe à escola fornecer à criança um ambiente rico, com variados gêneros e suportes textuais, oportunizando assim, um espaço de produção de sentido, ou seja, sua função social. Para isso é necessário ao professor problematizar situações de aprendizagem com atividades desafiadoras, fato este que requer domínio do que se acredita.

Fazendo relação desse posicionamento das autoras com o tempo em que fui alfabetizada, relato que:

Não havia em sala de aula ambiente alfabetizador, as paredes eram sempre limpas, não podia pregar nada nelas, nem algo preparado pela professora, muito menos a produção dos alunos. As atividades não eram desafiadoras e aconteciam pela repetição, recordo que enchíamos folhas e mais folhas dos cadernos, de letras, das famílias silábicas e de números também. Esses exercícios aconteciam com muita frequência e não havia nenhuma situação de problemática que pudesse remeter a função social do conteúdo que estava sendo estudado. (Narrativa pessoal, 2017)

A preocupação nessa época era de corresponder às expectativas da professora, sempre com bom comportamento – o que significava silêncio – e com boas notas nas avaliações bimestrais; não haviam avaliações externas.

Para que os professores alfabetizadores possam problematizar sua prática de maneira a efetivar um processo de ensino e aprendizagem de qualidade, muitas são

questões envolvidas e as ações das políticas de avaliação não ficam de fora dessa discussão.

De acordo com Esteban (2012), as políticas públicas da avaliação da alfabetização surgiram devido aos resultados insatisfatórios, e conseqüentemente baixo rendimento dos estudantes, com a proposta na definição de metas atuando os parâmetros que fundamentam a avaliação com a prática pedagógica. Dessa forma foram criados programas altamente regulatórios para a avaliação da alfabetização, podemos citar a Provinha Brasil e a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), entre outras.

Será que essa política de avaliação da alfabetização está contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem? Esse assunto deve servir como foco de estudo na formação continuada de professores, uma vez que está apenas classificando alunos e também professores, e os professores por sua vez, sob orientação ou tutela da direção escolar, na tentativa de melhorar o índice de seus alunos fazem um treinamento com os estudantes, deixam o conteúdo de lado na busca de melhores resultados, como se uma coisa não devesse estar diretamente relacionada à outra, pois essas avaliações externas estão apresentando apenas números e índices, servindo para medir e comparar alunos, professores e instituições escolares e no final de tudo para quantificar a verba que chega nas escolas a partir de seu resultado, ou seja, as avaliações externas criadas pela política da avaliação vem para resultar a verba.

Considerações Finais

A grande questão que é posta é que o professor precisa saber os pressupostos que embasam sua prática e há uma verdadeira revolução quando passa-se a questionar não mais como ensina, e sim como a criança aprende. E mudanças surgem para responder as demandas sociais.

É válido ressaltar que mudanças vêm ocorrendo em todo o meio social e a escola tem grande dificuldade em acompanhar tais mudanças. A organização da escola continua arcaica se comparada com a organização familiar, que antes tinha tempo para seus filhos e hoje são escravizadas pelo serviço e taxas, e por muitas vezes não consegue fazer a leitura de mundo.

Vamos apontar de quem é a responsabilidade? O fato é que todos somos responsáveis por essa nova organização de escola e é primordial ao professor

alfabetizador conhecer quais são os pressupostos e as implicações político pedagógicas dos processos de alfabetização e letramento; saber quem são os alunos, quais são suas capacidades e como valorizam e compreendem a leitura e a escrita; conhecer os conteúdos e conhecimentos que devem ser enfatizados em cada ano escolar.

Dessa forma, alfabetização e letramento são processos indissociáveis que envolvem as ciências de: escutar, falar, ler e escrever. E o sucesso depende da organização do trabalho didático; do conhecimento do professor, onde a formação é fator primordial; das condições materiais das instituições envolvidas, o que a escola oferece e o apoio da coordenação se faz presente, como também o envolvimento de todo o grupo escolar; e, da motivação dos alunos e de seus familiares.

É necessário também um olhar mais aguçado com relação aos programas e projetos que chegam à nossas escolas, analisando onde suas crenças estão apoiadas. Chega-se então à análise de que alfabetização e letramento não são excludentes, pelo contrário, se complementam; e que a formação do professor é fator essencial nesse processo, uma vez que os pressupostos que embasam sua prática pedagógica são refletidas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, Maria Teresa. Considerações sobre a política de avaliação da alfabetização: pensando a partir do cotidiano escolar -**Revista Brasileira de Educação** v. 17 n. 51, p. 573-592, set.-dez. 2012.

FERREIRO, Emília. **Com todas as Letras**. Tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes; retradução e cotejo de textos Sandra TrabuccoValensuela. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FRADE, Isabel C. A. da S. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização**: perspectivas histórias e desafios atuais. 1º ed. Santa Maria-RS, p. 21-40, 2007.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre. Artmed. 2002.

MELLO, Márcia C. de O. **A Contribuição do pensamento de Emília Ferreiro para a história da alfabetização no Brasil**. UNESP- campus de Marília-SP.

MORAIS, Artur Gomes de. Políticas de avaliação da Alfabetização: discutindo a Provinha Brasil –. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17 n. 51, set.-dez. 2012.

MORTATTI, M. do R. L. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15 n. 44, p. 329-341, maio/ago. 2010.

SOARES, Magda. **As muitas facetas da Alfabetização**. Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no XVI Seminário da Associação Brasileira de Tecnologia Educacional – ABT, em Porto Alegre, de 4 a 9 de Novembro de 1984.

_____. **A reinvenção da Alfabetização**. Revista Presença Pedagógica, volume 9, n. 52, jul/ ago de 2003. Disponível em: Acesso em 04 de dezembro de 2013.

_____. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. In: Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª. Reunião Anual da ANPED. Poços de Caldas, de 5 a 8 de outubro de 2003.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1998.
(3 capítulos: 1- 4- 5)

SOLIGO, Rosaura; VAZ, Débora. O Desafio da Prática Pedagógica. In: **Revista Viver Mente e Cérebro**, Coleção Memória da Pedagogia. Rio de Janeiro-RJ, 2005.

SOLIGO, Rosaura. **Variações sobre o mesmo tema** – Letramento e alfabetização. Publicado em 'Letramento no Brasil', organização de Vera Mazagão Ribeiro, São Paulo: Editora Global/ Instituto Paulo Montenegro/ Ação Educativa, 2003.